

## O GALEGO-PORTUGUÊS

Affonso Robl

Universidade Federal do Paraná

### RESUMO

Inicialmente, o autor tece algumas considerações sobre as causas do prestígio do galego-português.

Procura, em seguida, explicar o que seja o galego-português "ilustre": coine da poesia lírica e satírica na Península Ibérica, dos inícios do séc. XIII até os meados do séc. XIV.

E termina por apresentar as principais características fonológicas e morfológicas do galego-português, detectadas nas cantigas polêmico-satíricas do jogral Lourenço e naquelas a ele referentes.

Quando se trata do português arcaico, é preciso distinguir dois momentos bem marcantes: o galego-português e o português comum.

Constitui o galego-português a coine da poesia lírica e satírica da Península Ibérica, dos primórdios do séc. XIII até aos meados do séc. XIV. João Soares de Paiva e D. Sancho I são os primeiros trovadores constantes nos cancioneiros: suas cantigas foram compostas por volta de 1200,<sup>1</sup> e o último dos trovadores é D. Pedro, conde de Barcelos, falecido em 1354.

O português arcaico comum ou da prosa histórica vai até aos meados do séc. XVI, quando a língua começa a sujeitar-se a uma disciplina gramatical. A medida que o galego-português aquém-minhoto se ia estendendo para o sul, mercê da Reconquista, foi absorvendo os falares moçárabicos ali existentes, que não deixaram de lhe imprimir certas caracteris-

1 A célebre e discutida Cantiga da garvaia, de Paio Soares de Taveirós, até há pouco datada de 1189, é posterior às composições desses dois trovadores. (Ver SARAIVA, António J. & LOPES, Oscar. História da literatura portuguesa, 7.ed. Santos, Martins Fontes, 1973, p. 43).

ticas.<sup>2</sup> Processou-se uma depuração nos dialetos galaico-interamnenses e uma nivelção dos diversos falares, resultando daí uma média linguística: o português, língua comum e oficial do reino.

De onde, porém, proveio todo esse prestígio ao galego-português? Em grande parte, ele é decorrente do extraordinário movimento religioso e artístico em torno ao santuário de Santiago de Compostela.<sup>3</sup>

Conforme antiga tradição, o corpo de São Tiago Maior, decapitado na Judéia, foi trasladado para a Galiza. Contudo, a localização do seu túmulo ficara esquecida durante longos anos de dominação muçulmana até que, no primeiro quartel do séc. IX, uma estrela, como que destacada do céu, revelasse ao bispo Teodomiro o paradeiro das sagradas relíquias do apóstolo. Daí em diante, aquele obscuro lugar do Finisterra europeu passou a denominar-se **Campus Stellae**, "Campo da Estrela", hoje Compostela. Com o perpassar do tempo, tornou-se Santiago de Compostela — sobretudo com a admirável administração do arcebispo Diego Gelmírez, homem da Igreja e do Estado, que viveu na primeira metade do séc. XII — centro de uma das maiores e mais famosas peregrinações da cristandade, chegando a rivalizar com Roma e Jerusalém. Crônica do início do século XII registra a presença em Santiago de incontáveis peregrinos, provenientes de todos os quadrantes, então conhecidos, do mundo. Os movimentados caminhos que conduziam as multidões a venerar o túmulo do apóstolo de tal modo se identificavam com a via láctea, que ainda hoje nossa galáxia é chamada pelo povo o **caminho de Santiago**.<sup>4</sup>

De certa forma, o mundo ocidental plasmou-se por esse formidável movimento de populações através da Europa, em demanda da basílica compostelana. O fenômeno das roma-

2 Ver MANSUR GUERIOS, R.F. O romance moçárabico-lusitano. *Letras* (5/6): 123-53. 1956.

3 O lat. Iacóbu (hebr. Iaaqob, "ele segura o calcanhar") evoluiu para Jacoo e depois para Jacó, que é forma semi-erudita. O lat. Iacobu (com deslocamento do acento tônico por sístole) deu Iago e mais tarde, Iago, forma popular. O prenome Tiago é curioso resultado de uma aglutinação (perdeu-se a exata noção dos elementos compositionais): Santo Iago > Sant'Iago > Santiago > San Tiago > São Tiago.

4 A estrada que conduzia a Santiago denominava-se em francês *chemin (de) Saint Jacques*; em italiano, *strada de San Giacomo*; em siciliano, *strata di San Japicu Alizzi* (= da Galiza); em sardo, *iscala de Santu Iagu*; em catalão, *carretera de Sant Jaume*; em alemão, *Jakobstrasse* (ver BALDINGER, Kurt. *La formación de los dominios lingüísticos en la Península Ibérica*. Madrid, Gredos, 1963. p. 191).

rias repercutiu profundamente no pensamento, nas artes, na demografia, economia e política da Idade Média. São Tiago, feito paladino supremo dos cavaleiros cristãos na luta contra os mouros, tornou-se poderosa alavanca no esforço militar da Reconquista.

Mas, entre os romeiros que se dirigiam a Santiago, predominavam os occitanos: clérigos, monges, colonos, que, não regressando à sua pátria, deixavam-se ficar na Galiza. Em Compostela e ao longo das estradas de peregrinação, máxime do "caminho francês (Pamplona-Burgos-Galiza), fez-se sentir, onipresente, o influxo lingüístico do provençal. Centro receptor e irradiar da cultura, a Galiza, embora politicamente de pouca expressão, impôs sem esforço a toda a Hispânia o seu idioma.

Não precisamos, porém, dessacralizar ou até profanar o culto prestado ao apóstolo Tiago Maior na antiga Íria Flávia dos romanos, admitindo que a secular arte galega tenha brotado da irreverência ligada às peregrinações e tenha sido promovida por gente mais inclinada ao divertimento que à ascese. Assevera White-Hill, o editor do *Liber Beati Jacobi — Codex Calixtinus*:

"Na Idade Média, a peregrinação a Santiago não era uma viagem turística salpicada de grande variedade de impressões e aventuras. Era, ao contrário, um cometimento sério e difícil, quer imposto como penitência a grandes pecadores quer escolhido pelos peregrinos como expiação de suas culpas..."<sup>5</sup>

Aliás, *O Codex Calixtinus*, um dos mais notáveis santorais medievos, patenteia um galeguismo rítmico e melódico, e uma visível interpenetração da música profana e litúrgica em muitas de suas composições. Se o desenvolvimento da devoção a São Tiago deu à cultura poética e, sobretudo, musical da Galiza novo e inusitado esplendor, não faltam provas de que essa cultura já existia há muito tempo. Desde o final do séc. XII, encontramos em terras galegas intensa cultura poética e musical de carácter profano. Prova disso é o *desacordo plurilíngüe* de Raimbaut de Vaqueiras, redigido por

<sup>5</sup> Citado por PIMPAO, Álvaro J. da Costa. *História da literatura portuguesa*. Coimbra, Quadrante, 1947. v. 1. p. 82.

volta de 1190, na corte de Bonifácio I de Montferrat, na Itália. Eis pequena amostra galego-portuguesa dessa cantiga, consoante lição de Carolina Michäelis de Vasconcelos:

“A noite, quando jazc'en meu leito,  
sou muita vez espertado;  
por vós creio, non por feito,  
falir ei en meu cuidado.  
Meu coraçõ m'avedes treito,  
mui docemente furtado”.<sup>6</sup>

Afonso X, rei de Leão e Castela (1252-1284), compôs em galego-português alentado cancionero mariano e diversos cantares profanos. Aliás, seu avô Afonso IX e seu pai Fernando III, educados na Galiza, também haviam sido grandes mecenas dos trovadores galegos. Ademais, a formação, desde o começo do séc. XII, da corte lusitana na região aquém-minhota contribui consideravelmente para a expansão do galaico-português. Mais tarde, ao dissertar sobre a situação da arte poética na Galiza e em Portugal, dirá o Marques de Santilhana que “el exercício destas sciencias mas que en ningunas otras regiones e provinçias de España se acostumbro, en tanto grado, que non ha mucho tiempo qualesquier deizidores e trovadores destas partes, agora fuessen castellanos, andaluçes o de la Estremadura, todas sus obras componian en lengua gallega o portuguesa”<sup>7</sup>.

A língua usada pelos trovadores, quer galegos quer portugueses, era uma só: o galego-português. Carece, pois, de exatidão afirmar que a língua de cada uma das margens do Minho apresentava notáveis semelhanças com a outra. Se divergências houve de formas e pronúncias, tratar-se-ia, sobretudo, de variantes mais empregadas numa ou noutra região: *fizo/fiz, oir/ouvir, loar louvar, che/te, xe/se...*

Assevera C. Michaëlis que a língua dos trovadores era:

“galego-português “ilustre”, seletto, convencionalmente unitário, e arcaico mas perfeitamente orgâ-

6 Cancioneiro da Ajuda. Halle. M. Niemeyer. 1904. v. 2 p. 735, n. 4. A pontuação, em parte, é minha.

7 Citado por PIMPAO. p. 82.

nico e coerente, claramente determinado em suas formas e tendências caracterizado por todas as feições que o distinguem do castelhano".<sup>8</sup>

Língua culta, o galego-português não foi precedido, aparentemente ao menos, de estágio literário dialetal; caso, aliás, idêntico ao provençal.<sup>9</sup> A sua escolha como coine literária fez-se espontaneamente, quiçá por imitação dos primeiros grandes trovadores. Influuiu apenas o aspecto cultural.

Na verdade, o galego-português era, em parte, língua artificial e relativamente fixa, porquanto instrumento de determinadas espécies poéticas, possuía léxico bastante restrito, correspondente a conceitos bem precisos e, às vezes, até um tanto esotéricos. Desse fato, porém, não se tire a apresada ilação de que ele se achava desvinculado da linguagem corrente. Aos menos avisados poderia parecer que a língua literária se faz e existe por si mesma, completamente isolada dos vários níveis lingüísticos que caracterizam as formas orais. Tal não acontece, porém. A obra literária se insere no contexto social; é, de certa maneira, o reflexo da sociedade, recebendo, portanto, influências dos diferentes níveis lingüísticos, inclusive até do linguajar popular, o que fica bem patente no vocabulário das cantigas d'escárnio e maldizer.

Embora seja o galego-português linguagem de iniciados, formal e mantenedora da tradição, e embora represente uma norma em certos pontos atrasada em relação à língua viva da época, pois uma das características da linguagem poética são os arcaísmos, a poesia dos trovadores denuncia o falar corrente de um modo muito mais claro que a prosa dos notários e tabeliães.<sup>10</sup>

Entretanto, o dialeto interammense, na opinião de C. Michaëlis, já era considerado arcaico em tempos de D. Dinis e, no primeiro quartel do séc. XVI, Gil Vicente via laivos de rústica comicidade no linguajar dos camponeses beirões, à feição daquilo que ao teatro espanhol emprestava o leonês.

1

8 VASCONCELOS, CA, v. 1, p. xlx.

9 Vêr Bec. Pierre. *La Langue Occitane*. Paris, PUF, 1963. p. 67-72.

10 Ver LAPA, M. Rodrigues. *Lições de literatura portuguesa; época medieval*. 7.ed. Coimbra. Coimbra Ed., 1970. p. 14.

Aliás, os dialetos nortenhos (interamnense, transmoutano e beirão) conservam, ainda hoje, esse aspecto arcaizante.

Examinando quatorze cantigas polémico-satíricas de autoria do jogral Lourenço e a ele referentes, detectei os seguintes traços fonológicos e morfológicos que caracterizam o galego-português "ilustre", em face do português arcaico comum:

1. As rimas atestam que o grafema "z" tinha o valor de /dz/, que fonologicamente se opunha a /z/.

2. Também as rimas comprovam que era fechada a pronúncia do o de maior (maor e moor), mēor (meor), melhor (milhor), peor (peor), em consonância com a sua origem latina.

3. Conservava-se ainda o e radical pretónico de fazer, ter e vir, no pretérito perfeito e tempos derivados, v.g., fe<sup>z</sup>isti (= fizeste), te<sup>z</sup>er (= tiver), ve<sup>z</sup>er (= vier).

4. Permanecia por ora -d-, proveniente do -t- latino, nas segundas pessoas do plural dos verbos: **podedes, trobades, leixade, juigade, faredes, queixar-vos-edes, catássedes...**

5. Conservavam-se os hiatos causados pela síncope de consoantes intervocálicas, por exemplo, **creer, leer, mão** (dis-sílabo), **paaço, pao, quaes, tenções** (trissílabo).<sup>11</sup>

6. Permanecia a nasalidade deixada pela queda do -n-: **bõa, gãar, tēes, vées, véesse...**<sup>12</sup>

7. Existiam as terminações -on (do latim -one e -unt) e -an (do latim -ane e -ant), que se distinguem de -ão (do latim -anu): **coraçõn, entençõn, ofereçõn, razão, criãron, dêron, son; Joan, vilan, andan, dan, deitan, colherãan, serãan, di-zian; mão, vilão...**<sup>13</sup>

8. Eram uniformes os nomes em -or, v.g., **mia senhor.**

11 Contudo, percebe-se, pela contagem silábica, certa tendência, esporádica embora, à crase e à ditongação.

12 Mas, se não tiver sido incúria dos copistas que deixaram de sobrepor o til, já se vislumbra uma deriva para a desnasalção, porquanto, ao lado de formas como **bõa, teer, veer, sãõ**, aparece **boa, teer, veer, soõ**.

13 Para a convergência de -on para -ão, Leite de Vasconcelos assinala a época posterior ao reinado de Afonso V, que faleceu em 1481 (LAPA, p. 133). Todavia, em documento de 1383, a par da grafia **gouernaçom** e **gouernaçam**, terminações que tanto podem ter valor de vogal como de ditongo, aparece a forma **gouernaçoam**, cuja terminação apresenta, sem dúvida, um ditongo (BOLEO, Paiva, *Estudos de lingüística portuguesa e românica*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1974, v. 1, t. 1, p.296-326).

\* O macrón (—) equivale ao til.

9. Verifica-se a existência de formas pronominais, como **el, chi ou che (= ti ou te), xi ou xe, (= si ou se),<sup>14</sup> mia, esto e aquesto, nulho e nulha.**

10. Existia a terminação **-udo** em participios da segunda conjugação, por exemplo, **ententudo, vençudo...**

11. Encontram-se formas verbais típicas, como sejam, **conhosco, dé, di, figi, hôuvi, loar, oir, perdon, quera, sôo...**

12. Existiam os advérbios **ar, cada que, ende** e sua forma apocopada **én, i, u,** e as conjunções **ca, mais (= mas), se (= oxalá).**

### RESUMÉ

L'auteur fait d'abord quelques considerations à propos des causes de prestige du galicien-portugais; ensuite, il cherche à expliquer la nature du galicien-portugais "illustre": koinè de la poésie lyrique et satirique dans la Péninsule Iberique, depuis les commencements du XIII<sup>ème</sup> siècle jusq' à la moitié du XIV<sup>ème</sup> siècle. L'article finit par la présentation des principales caractéristiques phonologiques et morphologiques du galicien-portugais, repérées dans les "cantigas" polémico-satiriques du jogleur Lourenço et dans celles relatives à ce jongleur.

### REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 BALDINGER, Kurt. **La formación de los dominios lingüísticos en la Península Ibérica.** Madrid, Gredos, 1963.
- 2 BEC, Fierre. **La langue occitane.** Paris, PUF, 1963.
- 3 BOLÉO, Paiva. **Estudos de lingüística portuguesa e românica.** Coimbra, Universidade de Coimbra, 1974. v.1, t.1.
- 4 LAPA, M. Rodrigues. **Lições de literatura portuguesa; época medieval.** 7.ed. Coimbra, Coimbra Ed., 1970.
- 5 MANSUR GUÉRIOS, R.F. **O romance moçarábico-lusitano.** *Letras* (5/6):123-53, 1956.
- 6 PIMPÃO, Álvaro J. da Costa. **História da literatura portuguesa.** Coimbra, Quadrante, 1947. v.1.
- 7 SARAIVA António José & LOPES, Óscar. **História da literatura portuguesa.** 7.ed. Santos, Martins Fontes, 1973.
- 8 VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. **Cancioneiro da Ajuda (CA<sup>1</sup>)** -Ed. crítica e coment. Halle, M. Nemeier, 1904, 2 v.
- 9 VASCONCELOS, José Leite de. **Lições de filologia portuguesa.** 3. ed. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1959.

<sup>14</sup> Anote-se que "ch" representava o som tch, enquanto o "x" tinha valor de ch.